

O português na Suécia

Paulo Delgado

*O português é uma língua melada,
mas grandes escritores trouxeram
e poliram o metal.*

Coube a José Saramago representar os escritores de língua portuguesa na premiação de maior repercussão na literatura mundial. Com algum atraso, finalmente chegou a Estocolmo algum parente de Alfred Nobel que conheça a sexta língua mais falada no mundo, por 170 milhões de pessoas que a têm como língua materna. Premiou-se Saramago, nativo do país onde o português tem origem, em sua obra literária. O idioma, a forma e o conteúdo expressos nos livros de Saramago ganham da Academia sueca o reconhecimento que já têm em vários países do mundo.

Não pensem os suecos que projectam Saramago com a premiação. O contrário é mais verdadeiro, pois é Saramago que espanta um pouco o bolor do Prémio Nobel. A sua literatura vem ganhando o mundo há alguns anos por falar, por meio da boa escrita, sobre a tremenda angústia do homem contemporâneo. Bom de ler, bom de ouvir, bom de conversar, Saramago premiado pode ser importante não apenas para valorizar a língua portuguesa, mas também para que os homens e mulheres que procuram encontrar formas de construir uma sociedade humana com mais justiça se dêem mais valor.

Drummond, Graciliano, Guimarães, Clarice, Joio Cabral. Para a literatura de língua portuguesa são tão importantes quanto foi descobrir a pólvora. Do Brasil, maior país do mundo que tem a língua portuguesa como o seu idioma materno e oficial, a Academia sueca ainda tem muito que descobrir. E, como com Saramago, descobrira muito depois de milhões de leitores e admiradores das obras desses mestres das palavras escritas em bom português. A qualidade do que se produz em língua portuguesa — prosa, poesia, música — tem pouco valor no mundo definido pelo poderio económico das nações.

Deputado federal. Brasil.

O português é língua oficial de sete países — um dos mais frágeis da Europa, um latino-americano e cinco africanos. Na Ásia tem uma pequena penetração. É uma língua excluída do circuito das grandes decisões económicas e políticas mundiais. É língua oficial da União Europeia, por causa de Portugal, mas não está entre os idiomas oficiais reconhecidos pela Organização das Nações Unidas. Entre os países vencedores da Segunda Guerra Mundial, que criaram a ONU, havia nações de língua portuguesa. Curiosamente, hoje o italiano e o alemão, idiomas dos maiores derrotados da Guerra, estão entre as línguas oficiais da ONU. A Alemanha tomou-se uma das cinco maiores potências mundiais e a Itália está no time dos países desenvolvidos. É o peso do ouro.

A premiação de Saramago e da língua portuguesa pode ajudar a despertar os governantes dessa língua a buscar valorizá-la e preservá-la. No Brasil, é uma língua cada vez mais mal escrita e mal falada. E pouco ensinada, pois, entre nós, 30 milhões de pessoas não sabem utilizá-la por escrito e a falam de forma precária. Não há qualquer política oficial de protecção da língua contra a hegemonia *caipira* do inglês norte-americano, que acompanha as imposições da maior potência económica mundial. Os governantes e as instituições que têm poder, entre elas a média, grande responsável pela difusão da língua, precisam entender que não há modernidade na perda de raízes. Seria interessante observar com mais cuidado a luta diária dos franceses para preservar sua cultura, inclusive com leis contra o estrangeirismo, que certamente seriam ridicularizadas pelos mais badalados homens de imprensa e agências de publicidade do Brasil.

Sem conhecer suas raízes, os países que buscam alcançar poder económico jamais poderão ser também donos de força social e cultural. A partir da língua premiada podemos pensar nos cidadãos falantes do idioma, que não

têm direito sequer a aprendê-lo com rigor e qualidade. Qualidade que, necessariamente, deve incluir as origens culturais de toda ordem, que miscigenam o português e as línguas indígenas, no Brasil e na África. Para sermos cidadãos do mundo ou país inserido no contexto mundial, é preciso que saibamos chegar com a nossa própria bagagem, esta que aos poucos esquecemos. Os países que hoje estão no time dos desenvolvidos, e que vêm ditando as regras do jogo internacional, souberam e sabem como ninguém defender seus valores culturais. No caso brasileiro e de praticamente todos os países em desenvolvimento — emergentes, na linguagem actual —, essa valorização só não existe pelo descaso recorrente dos sucessivos governantes.

Aos suecos e seu benemérito mais conhecido fica o consolo de terem encontrado tempo para reconhecer a língua portuguesa ainda viva, principal referência de um povo acostumado, pela nossa história, a aceitar a ideia de que, ao final e ao seu modo, tudo se acalma e pacifica. Nem sempre a nosso favor, com essas exceções suecas de sempre.

